

“DO LIXO À XEPA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DE RESÍDUOS EM RECURSOS EM UMA PERIFERIA URBANA DO RIO DE JANEIRO

“From waste to xepa”: Ethnographic notes on the transformation of waste into resources in an urban periphery of Rio de Janeiro

Bárbara da Costa Amoras

Analista de Políticas Públicas, pesquisadora de doutorado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ). Possui mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ e é bacharela em Políticas Públicas pela Universidade Federal Fluminense (IEAR/UFF). A pesquisa teve o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Resumo

Este artigo se dedica a compreender as dinâmicas relacionadas ao aproveitamento dos resíduos em uma periferia urbana do Rio de Janeiro. Os produtos descartados na Estação de Transferência de Resíduos do Caju, situada na zona norte do Rio de Janeiro, são transformados em recursos por pessoas que atuam na reciclagem. Dessa forma, a investigação visa entender como funcionam as dinâmicas em torno dos resíduos, concentrando-se na experiência específica intitulada “Xepa do Caju”. A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, realizada por meio de técnicas de entrevista aberta e observação participante. Através de um relato etnográfico, pretende-se descrever a imersão em campo, junto aos interlocutores. A sistematização do relato abordará noções, moralidades e práticas específicas, ilustrando como a vida é tecida e reproduzida no âmbito da cadeia da reciclagem em uma periferia urbana do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: bairro do Caju; periferia urbana; resíduos; recursos

Abstract

This article is dedicated to understanding the dynamics related to the use of waste in an urban periphery of Rio de Janeiro. Products discarded at the Caju Waste Transfer Station, located in the north of Rio de Janeiro, are transformed into resources by people who work in recycling. In this way, the research aims to understand how the dynamics surrounding waste work, focusing on the specific experience entitled “Xepa do Caju”. The methodology adopted in this study is qualitative in nature, carried out using open-ended interview techniques and participant observation. Through an ethnographic report, the aim is to describe the immersion in the field with the interlocutors. The systematization of the report will address specific notions, moralities and practices, illustrating how life is woven and reproduced within the recycling chain in an urban periphery of Rio de Janeiro.

Keywords: Caju neighborhood; urban periphery; waste; resources

Introdução

Neste artigo, dedico-me a compreender as dinâmicas relacionadas ao aproveitamento de resíduos em uma periferia urbana do Rio de Janeiro. O estudo apresenta essas dinâmicas através da busca etnográfica pela “Xepa do Caju”, que se refere às formas de ganhar a vida no bairro do Caju por meio da reciclagem. Essa escolha foi motivada pela capacidade descritiva desta categoria, mobilizada pelos interlocutores para elucidar as nuances em torno do aproveitamento dos resíduos.

Esta experiência articula circuitos de trocas comerciais e simbólicas com características e formatos próprios entre os participantes, justificando o investimento deste estudo em compreendê-la. Baseio-me na característica apontada por Geertz (1973) acerca da descrição etnográfica, entendendo-a como um *investimento interpretativo*, mobilizado com ênfase às noções, moralidades e práticas específicas que ilustram como a vida é tecida e reproduzida no âmbito da cadeia da reciclagem.

A Usina de Reciclagem e Compostagem do Caju, atualmente conhecida como Estação de Transferência de Resíduos (ETR Caju), tem centralidade nessa experiência. Ela foi enunciada como uma “vitrine do Brasil global” (Cavalcanti, 2023) ou melhor de um “Rio global” durante o período da Eco-92 no Rio de Janeiro. Utilizo a definição proposta por Lima (2023) de “infraestrutura residual” destacando-a como produtora da xepa, ou seja, de um *evento*¹ que engendra relações e processos, neste caso, não dominantes na produção da cidade através dos resíduos.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, relato minha experiência inicial em campo no bairro do Caju e como a questão de pesquisa sobre reciclagem foi desenvolvida durante o trabalho de campo. Na segunda, descrevo como a *xepa* se tornou o foco da minha investigação a partir das observações de campo. Na terceira, serão discutidas noções, moralidades e práticas específicas relacionadas à reciclagem com base nas entrevistas realizadas.

O campo fala: desvendando o Caju

No breve período que antecedeu o início das minhas aulas de mestrado, eu me dedicava a corrigir a minha monografia sobre a coleta seletiva na Costa Verde, no sul fluminense. Foi em uma tarde no Leme, corrigindo este texto, que conheci Alessandra². Uma mulher negra, psicóloga e também pedagoga. Dividimos, nesta tarde, as nossas an-

1 DAS, Veena. *Critical Events: an anthropological perspective on contemporary Índia*. New Delhi: Oxford University Press, 1995.

2 Nome fictício atribuído à interlocutora.

gústias, sozinhas na praia. Em meio aos assuntos que trocamos, chegou à pergunta sobre o que eu estava fazendo em um sábado de sol à tarde com um monte de papel em mãos?

Contei a ela que eu estava ingressando no mestrado e que precisava encaminhar minha monografia para o repositório da universidade. Assim, conversávamos sobre as nossas experiências de formação e como elas haviam sido importantes para a nossa trajetória individual e coletiva. Alessandra me contava que trabalhava em um lugar “barra pesada”³ como psicóloga, com crianças, em uma organização não-governamental no bairro do Caju. Disse-lhe que estava há pouco tempo na capital, mas já tinha ouvido falar desse bairro. No Laboratório de pesquisa ao qual estava associada, iniciamos um investimento em um estudo sobre as águas do bairro do Caju.

Assim que comecei a falar do Laboratório de Estudos Sociais dos Resíduos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ResiduaLab/UERJ), ela me trouxe uma descrição do Caju que me chamou muito a atenção. Alessandra me disse que trabalhava relativamente próximo da “Usina”⁴, onde descartava-se o lixo da cidade, no bairro do Caju. Através dos projetos da organização em que trabalhava, ela atendia muitas crianças oriundas de famílias que ganhavam a vida neste lugar. Ela descreveu a usina como um lugar horrível, em que a *pobreza era escancarada*. E mencionou um *esquema* de venda de produtos vencidos, sendo este realizado por moradores que catavam na usina para comer e também para vender. Aquilo logo tomou a minha atenção, parecia uma experiência muito diferente do que eu havia aprendido em meu estudo (Amoras, 2022), que estava ali corrigindo sobre as cooperativas de catadores de recicláveis no Sul Fluminense.

Eu conhecia pouco o Rio de Janeiro e a equipe do laboratório, que era meu espaço de inserção na cidade, também estava de olho naquele território. Pareceu-me interessante prosseguir com aquela conversa. Conversamos um pouco mais naquele fim de tarde, trocamos telefones. A descrição da *pobreza escancarada* continuava a me acompanhar, fazendo-me pensar como era aquele lugar descrito com tanta ojeriza.

Após alguns dias de nosso encontro, mandei para ela uma mensagem. Eu dizia que o meu projeto de mestrado precisava de um campo, e muito me interessava a conversa sobre o Caju que havíamos tido. Disse a ela que a questão pairava sobre a minha cabeça, e que eu gostaria de conhecer a usina, mas, infelizmente ela não retornou à minha mensagem. A mensagem não respondida me sinalizava algo sobre acessar aquele lugar. Porém, havia um outro caminho para chegar até lá, o ResiduaLab.

Através dos projetos coletivos de pesquisa, realizados no âmbito do laboratório,

3 Categoria nativa: refere-se a lugares complexos e difíceis.

4 Categoria nativa: refere-se a Estação de Transferência de Resíduos do Caju. O espaço funcionava anteriormente como uma Usina de Reciclagem e Compostagem. Na década de 1990 foi construída sob a promessa de ser a maior usina do mundo em termos de capacidade de processamento. O local permanece popularmente conhecido como usina no território.

finalmente pude conhecer o bairro do Caju. Fui impactada na primeira visita pela possibilidade de continuar minhas reflexões sobre dilemas ambientais urbanos através dos resíduos, naquele lugar que me pareceu muito singular. O termo “usina” me trouxe muita curiosidade, pois até então, meu enfoque haviam sido as cooperativas de catadores de recicláveis.

Me senti motivada para realizar esta investigação no Caju em minha primeira visita ao bairro. Estive lá com outros pesquisadores para entrevistar Carlos⁵, um pesquisador que realizou um estudo sobre injustiça ambiental no Caju. Nessa oportunidade, a equipe foi convidada após uma longa conversa sobre o bairro, para conhecer com ele, em uma breve volta de carro, algumas das infraestruturas urbanas instaladas no Caju. Foi assim que eu conheci o entorno da Estação de Transferência do Caju.

A área é cercada por muros, que, apesar de altos, não são capazes de encobrir as ruínas das instalações da “tão sonhada” Usina de reciclagem e compostagem do Caju. A área atualmente pertence à Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) e fica um pouco afastada do perímetro propriamente urbano e densamente habitado no Caju.

Imagem 1: Entorno da Usina de reciclagem e compostagem do Caju



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Carlos nos contou que a Usina foi um grande *elefante branco*⁶, que importou uma

5 Nome fictício atribuído ao interlocutor.

6 A expressão mobilizada pelo interlocutor refere-se a uma obra grande e pomposa.

tecnologia europeia e que nunca funcionou, mas que prometia *mundos e fundos*⁷. Percorremos o entorno da Usina de carro. Enquanto ele guiava brevemente a história do espaço e conduzia o veículo, eu tentava anotar tudo o que ele dizia sobre os lugares que estávamos conhecendo. A história da usina que não funcionou rapidamente me fisgou, levando-me a revelar à coordenadora do laboratório que eu iria estudar aquele espaço.

A usina de reciclagem foi uma das maiores obras públicas da época, inaugurada em 1992 no Rio de Janeiro, com a promessa de solucionar o dilema sobre o descarte ambientalmente adequado dos resíduos da capital fluminense. Essa obra visava consolidar um lugar diplomático para o Rio de Janeiro como uma vitrine do Brasil global (Cavalcanti, 2023), que sediou a Eco-92. Sob a promessa de tornar-se “uma conquista da população carioca” e “um exemplo para o mundo”, o objetivo central era alinhar-se a uma agenda ambiental compatível com os padrões internacionais. No entanto, não atendeu às expectativas dos gestores e planejadores, devido ao seu custo e, sobretudo, pela inadequação da tecnologia importada.

A breve visita, guiada por Carlos, me convenceu de que o Caju era um lugar instigante para fazer uma pesquisa. Conhecemos, além da usina, uma série de lugares e atividades que me mostravam um bairro heterogêneo e complexo, o que me motivava a compreendê-lo. A partir desta visita, estabeleci que o Caju seria meu campo e busquei me aproximar de iniciativas de moradores e lideranças locais para conhecer o território. Na seção a seguir, apresento a minha inserção em campo, a descoberta do meu objeto, a Xepa. Ilustrando como o campo me conduziu às reflexões iniciais sobre as dinâmicas em torno dos resíduos no Caju.

Do lixo à xepa

A Rede Intersetorial do Caju⁸, foi meu primeiro contato com o território, através da pesquisa coletiva realizada pelo ResiduaLab. As reuniões periódicas promovidas pela Rede proporcionaram minha inserção e interação com os moradores, que ocorrem uma vez ao mês. Entre junho e setembro de 2022, participei das atividades em diferentes regiões do bairro do Caju.

Estabelecida desde 2009, a Rede interssetorial do Caju se organiza por meio de encontros mensais. Seus membros, incluindo moradores, servidores e ativistas, definem esses encontros como espaços de construção coletiva para enfrentar os dilemas do território em busca de justiça territorial no bairro. Inicialmente motivados por questões so-

7 A expressão mobilizada pelo interlocutor refere-se a grandes promessas em torno dessa infraestrutura.

8 A Rede interssetorial do Caju trata-se de uma iniciativa local de discussões coletivas dedicadas ao território.

cioassistenciais, os encontros foram ampliados para abranger diversas políticas e atores envolvidos nas discussões sobre o território do Caju. O grupo propõe reuniões itinerantes pelo território, para conhecer outros espaços e instituições do bairro. As reuniões ocorrem nas manhãs da última quinta-feira do mês.

As atividades iniciam com uma apresentação da rede, seguida de informes e uma pauta fixa do colegiado gestor local, para tratar das informações sobre as unidades de saúde do bairro do Caju. Minha primeira reunião com a rede foi em 30 de junho de 2022 e seguiu esse protocolo de apresentação, informes e pauta fixa. O tema central do encontro foi o Programa Saúde nas Escolas (PSE), reunindo gestores das unidades educacionais locais, servidores da saúde e assistentes sociais que atendem ao Caju.

Ao apresentar a equipe do Programa Saúde nas Escolas (PSE) e a responsável pelo programa, uma moradora expressou dificuldades em acessar a servidora, questionando-a em tom crítico:

— “Então você é a Mel? Muito bom te conhecer. Sempre tento falar com você e nunca consigo”. Isso desencadeou uma discussão entre alguns participantes. Uma moradora recém-chegada, que chamarei de Elisângela, esbravejou:

— “Eu não sou barraqueira, eu estudei e conheço os meus direitos. O Parque Conquista não é lugar para um ser humano viver. É lixo puro, rato do tamanho de um gambá. A Prefeitura diz que não tem verba..., mas é desumano o que acontece aqui no Caju. O CRAS trabalha de forma incansável, mas não tem Jesus para fazer milagre. O Caju precisa de gente humana que se compadeça”. A reunião seguiu de forma tensa entre os participantes, após esse conflito inicial, mas manteve o propósito de ouvir as demandas dos representantes das escolas do território.

Tanto a servidora, quanto os moradores relataram o fechamento de cinco hospitais e a insuficiência da rede de saúde para atender a população local. Elisângela, moradora do bairro, expressou sua indignação de forma enfática, afirmando que o esvaziamento dos hospitais e de outros serviços públicos no Caju reflete a “marginalização de gente sofrida”. As divergências de narrativa entre Elisângela e os outros moradores presentes destacaram dissidências e pontos de vistas diferentes (Geertz, 2001), o que despertou meu interesse em conhecer mais sobre aquelas pessoas. Assim, embora meu interesse inicial fosse na temática dos resíduos, optei por explorar primeiro as discussões levantadas nesses encontros da Rede Intersetorial do Caju.

Na primeira reunião da Rede, tive a sorte de estar presente no mesmo dia em que a equipe do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) veio divulgar a realização do Censo 2022 no Caju. O trabalho da equipe no território já estava em curso, na fase de pesquisa de entorno. Manifestamos, como laboratório de pesquisa, interesse em cooperar com o trabalho da equipe do IBGE no Caju. E foi a partir desse momento que minha

oportunidade de explorar o território se tornou viável.

Parte do meu trabalho em campo ocorreu entre maio e setembro de 2022. Minha primeira imersão foi compartilhada, em colaboração com a equipe de pesquisa do IBGE para o censo de 2022, na fase de pesquisa de entorno. Percorri o bairro do Caju com a profissional responsável pelo mapeamento do território, aproveitando esse momento para me integrar e encontrar pistas sobre como iniciar e conduzir meu trabalho da melhor maneira.

Ainda com a equipe, os moradores, curiosos com a nossa caminhada e especialmente com as nossas constantes anotações e registros, sempre nos interpelavam. Os equipamentos, como *tablets*, mapas físicos e celulares, pareciam despertar a curiosidade dos moradores, que frequentemente nos abordavam com questionamentos sobre o que estávamos fazendo ali. Ao explicar que estávamos verificando a existência de bueiros, iluminação pública e afins, recebemos inúmeras informações sobre a “falta de tudo” no bairro evidenciando um sentimento de privação por parte dos moradores.

As instituições religiosas e a associação de moradores têm um papel importante na dinâmica local. Antes de começar a percorrer o bairro, eu encontrava Estela, a profissional do IBGE, na associação ou na Igreja, pois o acesso a algumas regiões do Caju envolve negociações com os grupos locais armados. O crachá e a camisa da Instituição que representávamos eram medidas de precaução, instruída desde minha primeira conversa com Carlos, o pesquisador que trabalha no território e nos recebeu na primeira vez que fomos ao Caju.

No meu trajeto habitual, passava pela Avenida Brasil, uma das fronteiras do Caju, e caminhava até a entrada do bairro, com o meu crachá visível nas roupas. Ao chegar, eu me apresentava aos amigos e informava que ia encontrar Estela na associação ou na igreja para realizar a pesquisa.

No meu primeiro dia em campo, observei pelas placas instaladas pelos “amigos”⁹ na comunidade “Bom Sucesso¹⁰” que o “lixo” era uma temática relevante a ser pesquisada no Caju. Uma das placas que me deparei informava aos moradores sobre uma penalidade quanto à destinação inadequada de lixo em via pública como mostra a *Imagem 2* abaixo.

Esse registro só foi possível devido à oportunidade proporcionada pelo trabalho junto ao IBGE. Logo nas etapas seguintes da pesquisa, foi-me recomendado buscar outros recursos como medida cautelar, considerando a necessidade de uma convivência pacífica com os grupos armados do território, especialmente para garantir minha segurança durante o trabalho de campo.

9 Categoria nativa: refere-se aos agrupamentos armados do território. O Caju é dominado por duas facções rivais: TC (Terceiro Comando) e o ADA (Amigos dos Amigos). Por isso faz-se necessária uma constante negociação para uma entrada e permanência no território de maneira “segura”.

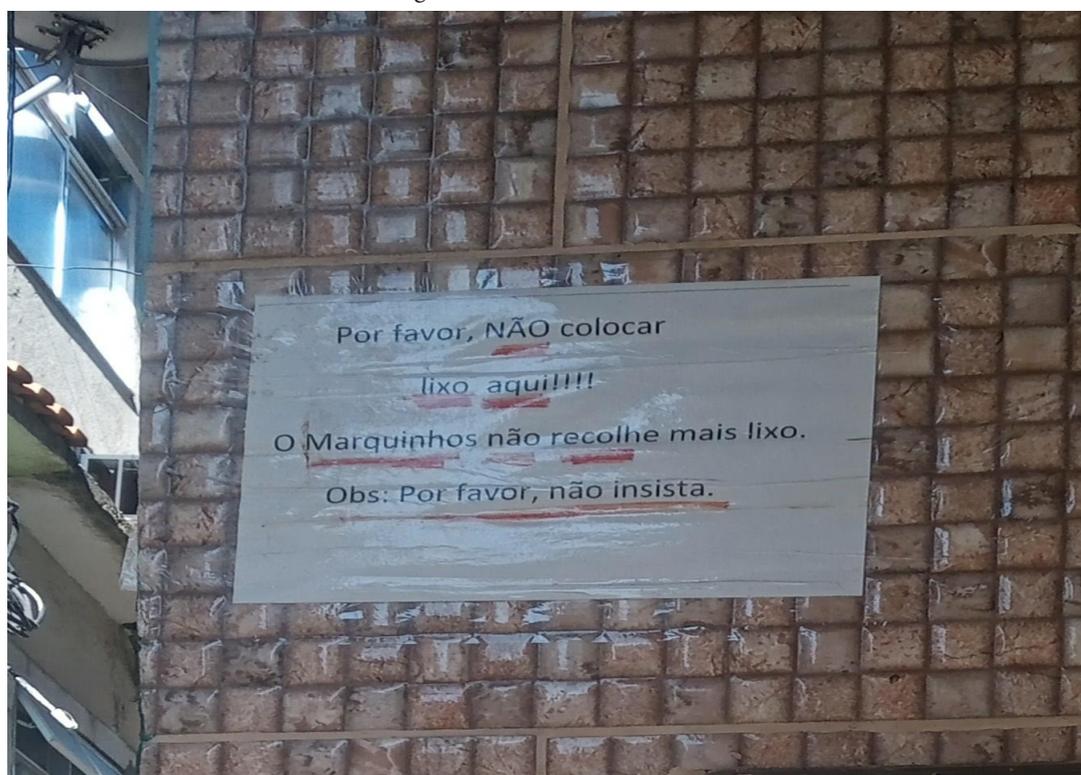
10 Nome fictício atribuído à comunidade do Caju.

Imagem 2: Mensagem dos Amigos à comunidade



Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 3: Recado à comunidade



Arquivo pessoal, 2023.

Neste primeiro percurso em campo, não faltaram pistas de que o “lixo” era o tema a ser estudado no Caju. Para meu estranhamento, havia uma questão interessantíssima a respeito disso: seu encobrimento (Goffman, 1981). Pouco se falava abertamente sobre o assunto, mas “a coisa do lixo”, como muitos se referiam, emergia nas conversas, levando as pessoas a se esforçarem para evitar o assunto. Essa tentativa constante de encobrir as informações sobre o lixo estava fortemente situada em uma perspectiva simbólica que constitui processos de classificação do sujo, do impuro (Douglas, 1976) da qual os interlocutores não gostariam de fazer parte.

Através da proximidade com a igreja, nas reuniões da Rede, e posteriormente nesse acesso mediado pelo IBGE, conheci um trabalho da comunidade religiosa que envolve a contação da história de uma comunidade a partir de si mesmos. Foi ao conhecer as histórias que envolvem a memória social do Caju que me deparei com a categoria “xepa”.

O senhor Maneco, morador do Caju desde 1964, foi o primeiro a mencionar essa categoria ao narrar sua história de vida. Ele nos conta que a sua vida foi marcada por um processo de migração da Paraíba para o Rio de Janeiro e nos diz que o Caju é um lugar de oportunidades. Com muita luta, hoje, ele tem uma casa de três andares, iniciada a partir de coisas catadas no vazadouro, através da “xepa”. Essa categoria mencionada por ele me remeteu ao que Alessandra havia me dito naquele dia no Leme, sobre a venda de produtos oriundos da reciclagem da Usina do Caju. A partir de então, deparei-me com uma possibilidade de nexos interrogativo, fazendo da “xepa” se tornar o meu enfoque analítico.

A xepa foi o elemento que busquei investigar etnograficamente. Essa categoria me levou a reflexões que questionaram a imagem que eu tive do Caju, como um lugar onde a pobreza e a escassez predominavam. Não é à toa que, diversas vezes, me perdi e me desafiava na tentativa de seguir com essa temática em que tudo era muito instigante e desafiador. A pesquisa foi marcada por muitas nuances e desafios desde minha chegada ao Caju, incluindo a complexidade de circulação na usina e a dificuldade de proporcionar aos meus interlocutores um diálogo sobre a experiência com os resíduos para além do exotismo. Trata-se de um segundo investimento em minha trajetória como pesquisadora, buscando compreender as dinâmicas em torno dos resíduos. O campo indicava que alguns desafios são próprios da temática dos resíduos, ou do “lixo”, levando-me a perseguir e interpelar a “xepa” na tentativa de compreender como operam as dinâmicas naquele lugar.

Os recicláveis no Caju são parte constitutiva dessa proposta de pesquisa, através deles que tantos efeitos e afetos são sentidos e experienciados no Caju. Assim, argumento que os recicláveis no bairro do Caju mobilizam uma economia cotidiana (Motta, 2014). Essa economia se materializa em formas de recriar e refazer a vida no território a partir do que é descartado. Esse processo revela dinâmicas internas e externas de circulação e distribuição dos produtos. Nas minhas primeiras buscas pela “Xepa do Caju”, deparei-me

com o que seria a ponta dessa experiência durante o trabalho no Censo de 2022.

Em determinado momento, após um episódio de conflito armado na região em que estávamos fazendo a pesquisa, foi disponibilizado um veículo para garantir a nossa segurança durante as atividades. O veículo foi uma ferramenta importante para a nossa segurança, mas para o meu trabalho, ele foi excepcional. Dentro do veículo, eu conseguia utilizar recursos como o *Google Earth*, *Maps* e fazer registros fotográficos da região em que estávamos realizando a pesquisa de entorno. Com o auxílio do veículo, chegamos até a tão falada “comunidade 360”¹¹.

O Caju é um bairro muito heterogêneo, não é por acaso que os moradores indicam que existem várias experiências de viver nesse território a depender da região em que se mora. Até aquele momento, não havia avistado em nenhuma das regiões que passei algo parecido com a experiência daquele lugar. Os barracos improvisados abrigavam, pequenos comércios, famílias inteiras, crianças, idosos em uma situação precária de habitação.

Em uma tarde naquela região, pude observar muitas pessoas trabalhando no entorno daqueles montes para separar materiais. Aquilo não era exatamente a “usina”, como se referem os moradores, mas sim os seus arredores. Observei a presença frequente do que no Rio de Janeiro conhecemos como “o carro do ovo”, um veículo normalmente utilizado para comercializar produtos como ovos, frutas, hortaliças, frios, laticínios e afins. Trata-se de uma modalidade de trabalho informal que ocorre em várias regiões da cidade. Apesar dos diferentes produtos disponíveis, os ovos ficaram registrados na memória popular, e por isso essa denominação.

Esses carros circulavam até um estabelecimento situado nessa comunidade, que distribuía produtos para esses veículos. A tradicional circulação desses veículos com a mensagem de *trinta ovos por dez reais* me trazia muitas indagações. A primeira era que aqueles produtos são tradicionalmente vendidos abaixo do valor de mercado e o motivo disso estava diante dos meus olhos. A frequência dos carros sendo abastecidos não era extensa, no entanto, pelo menos quatro veículos circularam pela comunidade na tarde que estivemos por lá.

O estabelecimento onde esses carros eram abastecidos se assemelhava com uma loja de sucatas, no entanto, não consegui obter mais informações naquele dia sobre o espaço, pois o nosso trabalho não envolveu entrevistas com os moradores. Nas poucas possibilidades de troca com os moradores, não houve abertura para aprofundar sobre essas questões. O recurso que eu dispunha nessa circunstância era observar e tentar documentar as cenas que aquela tarde da pesquisa de entorno me fornecia.

Naquele dia, os veículos foram abastecidos de ovos, maçãs e diferentes tipos de laticínios. Apesar de observar o abastecimento, tudo o que eu tinha eram trocas comerciais

11 Nome fictício atribuído à comunidade do Caju.

entre um fornecedor e seus clientes. Entendi que havia um circuito comercial em torno dos produtos descartados e passei a investir em um entendimento sobre esse circuito de trocas.

Os resíduos no Caju apresentaram dinâmicas próprias que indicaram o exercício de desvendar o cotidiano como o caminho mais adequado para compreender e acessar uma fração daquela experiência. Assim, pude estimar que a vida tecida e reproduzida no Caju estava para além das lógicas normativas de produção da cidade. De modo, que a usina mal sucedida dos planejadores e gestores urbanos revelava outras formas de viver neste espaço.

Ao me dedicar a entender as dinâmicas compreendi que os produtos descartados são recuperados. E eles mobilizam circuitos e mercados de naturezas distintas. Os que possuem valor comercial são designados a esferas de circulação mais ampla como o carro do ovo e a “Feira do Rolo”¹², que alcançam áreas para além do bairro do Caju. A Feira do Rolo é uma feira periódica em São Cristóvão, focada na venda e troca de produtos usados. Parte dos recursos expostos nesta feira vem dos produtos descartados na ETR Caju e do Mercado Municipal do Rio de Janeiro (CADEG), localizado em Benfca, bairro vizinho do Caju e de São Cristóvão.

Compreender as esferas de circulação dos produtos, isto é, os mercados e as trocas, colocava novos desafios ao trabalho de campo. Na seção a seguir, apresento o processo de entrevista com uma interlocutora e dedico-me a uma questão fundamental desse tema complexo: como acessar o não dito?

“O Caju é uma mãe”

“O Caju é uma mãe! No Caju ninguém passa fome. Ninguém fica sem dinheiro. A última alternativa é catar! Quando alguém está apertado é só ir na usina, que lá vai ter alguma coisinha”. (Marcela)

Escolhi perseguir etnograficamente a “Xepa do Caju”, que, a princípio, me pareceu ser uma experiência excepcional e que só acontecia lá. No entanto, percebi que ela se inseria em algo mais amplo, em um arranjo ou rede de circulação dos recicláveis. A singularidade do Caju era sediar a infraestrutura da ETR Caju, que assinala o que propõe Larkin (2013) sobre as infraestruturas não serem apenas uma materialidade, mas sim uma materialidade que produz relações entre coisas e pessoas.

No entanto, essa categoria, assim como muitas experiências no Caju, envolve dissensos sobre a forma de dar nome às coisas. Minha busca pela “Xepa do Caju” me levou a

12 A feira do Rolo ocorre em São Cristóvão aos domingos entre às 06h e as 13h.

uma longa procura que me fornecia informações sobre várias coisas no bairro, mas nunca me direcionava efetivamente ao espaço físico da Xepa, onde ocorriam as trocas ou aos seus frequentadores. O frustrava as minhas tentativas de entrevista.

Durante o longo percurso do trabalho de campo, que envolveu buscar e perseguir essa experiência, as pessoas frequentemente tentavam me desencorajar a pesquisar sobre esse tema. Muitos moradores mencionavam a impossibilidade de falar sobre a xepa, de ir até lá e, principalmente, de revelar o que sabiam a respeito. Era bastante surpreendente para mim que alguns interlocutores tivessem muitas coisas para dizer sobre a venda de recicláveis no Caju, mas poucos, na verdade quase nenhum, relatavam ter visto de perto essas experiências ou ter recorrido a essa xepa.

Após trocar minhas angústias sobre esse processo com a professora Eugênia Motta e os colegas de turma, durante o curso de Trabalho de Campo e Entrevista da Escola de Inverno do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ), sobre as dificuldades que estava tendo em realizar a pesquisa, percebi que perseguir etnograficamente a “xepa” em algumas situações mais me afastava do que me aproximava dos relatos sobre a recuperação e comércio dos recicláveis no Caju. Assim, procurei novas estratégias para abordar a temática com os interlocutores.

Eu trazia, das experiências de entrevistas anteriores, um grande receio de perguntar sobre a xepa, afinal, na maioria das vezes, essa categoria tensionava a entrevista, porém o tempo corria e eu precisava avançar com o trabalho. “Marcela”¹³, a interlocutora que abre a epígrafe desta seção, foi a minha mediadora (Valladares, 2007) para a permanência no bairro. Com ela, desenvolvi profundas reflexões sobre o espaço e sobre os recicláveis no Caju.

Certo dia, em uma conversa com Marcela, após um longo processo de diálogo sobre o bairro, achei que era hora de perguntar sobre o que eu de fato queria conhecer: a xepa. Naquele dia, busquei expressar as minhas curiosidades sobre os assuntos que sempre rendiam, como o caso das carretas que comprometem a mobilidade no Caju. Os moradores sempre falam das carretas das empresas e de como elas atrapalham o trânsito e a mobilidade dos pedestres no bairro. Assim, ousei abordar os caminhões de coleta domiciliar que se dirigem à ETR Caju que funciona sob a administração da Comlurb.

Marcela conta que não há do que queixar-se no Caju em relação à atuação da Comlurb, e que os profissionais trabalham muito por lá. Além disso, menciona que a Comlurb atua de fato no território. Durante nossa conversa, mencionei a ela que conheci o Senhor Maneco em um trabalho da Igreja e que ele havia falado sobre o tempo em que trabalhou nos arredores da Comlurb com atividades de reciclagem. Comentei também sobre a “Xepa do Caju”, assunto que despertou minha curiosidade e desejo de conhecer.

13 Nome fictício atribuído à interlocutora.

Marcela enfaticamente me disse que a “xepa” é um conceito antigo e que os moradores não costumam usar essa palavra. Eles dizem apenas “Vou catar na usina”. Ela também mencionou que o termo possui uma conotação pejorativa e gera conflitos geracionais, sobre o seu uso para descrever as atividades relacionadas à reciclagem e recuperação de resíduos e produtos descartados. Segundo ela, apenas a população mais idosa se refere ao trabalho comercial de recuperação e venda de recicláveis dessa forma. A população mais jovem não utiliza nem gosta desse termo.

Ali comecei a entender o que por vezes tanto me afastava dessa questão, as disputas em relação às categorias locais. Assim, busquei as definições possíveis sobre a “Xepa” nos dicionários, para tentar uma melhor abordagem sobre o tema, pois Marcela não me pareceu muito receptiva à utilização desse termo, o que me levou a considerar uma abordagem mais cuidadosa através do significado dessa categoria.

Comecei pela etimologia da palavra como forma de compreender o que poderia ser expresso por meio deste termo. Segundo a definição do dicionário *Oxford Languages*, o termo “Xepa” refere-se às últimas mercadorias expostas em uma feira livre, geralmente mais baratas e de menor qualidade. No dicionário *Aulete*, “Xepa” é definida como as últimas mercadorias, de qualidade inferior, oferecidas a baixo preço ao final das feiras-livres. As definições foram pertinentes, mas busquei aprofundar-me nessa questão para entender melhor esse dilema.

Assim, por meio de uma revisão na literatura sobre o trabalho dos catadores de recicláveis, compreendi a conotação pejorativa atribuída ao termo. O termo *xepreiro* era utilizado como alcunha para a profissão do catador, e o sentido de inferioridade associado a esse termo parece afastar a população mais jovem que atua na reciclagem, do uso da palavra “xepa” para designar as atividades de transformação e recuperação a partir da reciclagem.

Com algum receio, Marcela me contou o que conhecia acerca da experiência da Xepa do Caju. Ela explicou que não se trata de uma feira, mas sim de um evento que acontece na usina. Segundo ela, não há um dia ou hora marcados para acontecer. Além disso, os produtos chegavam em condições distintas daqueles coletados pela Comlurb durante as coletas domiciliares.

Perguntei a ela sobre a diferença entre os produtos da xepa e os trazidos das coletas domiciliares. Ela me explicou que os produtos destinados à atividade comercial e de consumo são, em suma, produtos vencidos ou próximos da data de vencimento, descartados por supermercados, hortifrúteis e lojas de atacado. Marcela destacou a distinção entre esses dois caminhos percorridos pelos materiais, enfatizando a forma como os produtos chegam até a ETR Caju.

Ela disse: “Chega muito iogurte, que não dá para comercializar, porém não vem

da mesma forma que vem no caminhão de coleta domiciliar; já vem tudo separadinho”. Marcela me explicou que existem hierarquias não apenas entre os produtos, mas também entre os grupos que realizam esse trabalho. Há os catadores cooperativados, que atuam na cooperativa; os catadores avulsos, que são triados pela cooperativa, mas sem vínculo direto com ela, embora com fins comerciais; e os que catam para subsistência.

O relato dela apresenta alguns grupos de produtos que são mais comuns a esses circuitos, sendo eles: laticínios e frios, que com certa frequência aparecem por lá. O termo “separadinho”, utilizado por Marcela, traz uma conotação interessante, pois é dito como forma de negociação entre valores e necessidade para o consumo dos produtos, considerando a forma como eles chegam até os galpões de triagem e reciclagem. Esse termo também é revelador, pois coloca em perspectiva a segurança alimentar em relação à questão que envolve os limites entre o salubre e o insalubre.

O destaque para a diferença entre a coleta domiciliar e a coleta das empresas resalta também uma diferenciação entre os produtos descartados. Os produtos provenientes das empresas são descartados sem violação das embalagens e sem consumo prévio, o que os torna, por vezes, considerados melhores devido à maior aptidão para consumo e, sobretudo, à possibilidade de venda e troca comercial.

Marcela, por meio desse argumento, apresenta indicativos sobre as formas de ganhar a vida a partir da reciclagem, que colocam em perspectiva uma questão central, como a validade dos produtos. Sua fala revela, na verdade, que a validade dos produtos, isto é, suas características sanitárias e nutricionais, não possuem o mesmo valor diante de um cenário em que é preciso negociar entre colocar comida na mesa e enfrentar a fome.

Nossas conversas revelaram uma dessas ocasiões em que produtos da usina foram parar na casa dela, durante uma “festa do chocolate”. Marcela explicou que essa festa ocorreu no Caju, quando houve um grande volume de chocolates descartados por uma empresa na usina, provenientes do período de Páscoa em que tradicionalmente ocorre a troca de chocolates. Ela mencionou que, por meio desse descarte, que se tornou um evento no bairro, até em sua casa foram parar chocolates. Esse relato demonstra um conhecimento consistente sobre a experiência da xepa. No entanto, também sugere um constrangimento em falar dessa experiência a partir de sua própria vivência. Essa percepção foi interpretada por mim a partir da expressão “até lá em casa foi parar chocolate.

Tentei questioná-la sobre o destino desses produtos, iniciando uma conversa sobre a festa do chocolate. Ela explicou que existem diferentes formas de reaproveitamento dos produtos, desde o consumo imediato até a transformação em novos recursos, como ela descreveu na festa do chocolate. Algumas pessoas consumiram os chocolates imediatamente, enquanto outras os derreteram para fazer novos chocolates. Mas, algo característico são os produtos que chegam vencidos ou próximos do vencimento.

Percebendo a abertura que me foi dada pela Marcela, resolvi partir da minha nova estratégia para saber sobre a recuperação de recicláveis no Caju. Assim, indaguei Marcela sobre as dificuldades durante a pandemia, até que ela me trouxe a definição do Caju que dá título a esta seção. Essa definição foi muito diferente do que eu esperava ouvir sobre aquele lugar, que até então me remetia e me fazia refletir sobre escassez e privação.

Segundo Marcela, “o Caju é uma mãe, pois lá não se passa fome, sempre tem alguma coisinha na usina”. O termo “mãe” expresso na fala de Marcela chamou muito a minha atenção. Essa observação despertou meu interesse, fornecendo novos elementos para dar continuidade à investigação sobre as “coisinhas da usina”. Esses produtos descartados são recuperados e posteriormente comercializados ou trocados entre as pessoas que frequentam a usina, seja como uma forma de trabalho, seja como forma de ganhar a vida. A definição de “mãe” emergiu como um fio condutor da interseção entre viver e ganhar a vida no Caju, a partir da reciclagem.

É possível notar uma moralidade que se apresenta como uma estratégia de contornar o estigma da experiência em torno dos resíduos, dos restos ou das sobras, conforme aparece no significado da palavra “xepa”. A recusa ao termo se apresenta como uma estratégia de recuperar a potencialidade da ressignificação dos produtos descartados, ao olhar para eles como um recurso, expresso em «as coisinhas da usina», proporcionadas por essa mãe que é o Caju, mas também a própria usina, como um lugar que fornece condições de subsistência. Além disso, ao reconsiderar o sentido atribuído à ideia de “mãe”, faz-me refletir sobre essa relação entre Marcela como indivíduo nesse espaço. Presume-se que a relação com uma mãe envolve duas ou mais partes. O significado está, em grande medida, na disponibilidade de suprir demandas de diferentes naturezas de outro.

O interesse desta seção não foi apresentar ao leitor um quadro interpretativo da pandemia no Caju. Este investimento se deu como uma estratégia para acessar o não dito pelos interlocutores. Assim, foi possível ilustrar algumas relações da economia cotidiana mobilizada pelos recicláveis, através dos sentidos e significados sobre os circuitos, trocas, mercados e sociabilidades desta experiência. Este processo possibilitou um detalhamento mais amplo sobre como a vida é tecida e reproduzida em uma periferia urbana do Rio de Janeiro.

Considerações finais

Neste artigo, foram apresentados os procedimentos metodológicos conduzidos durante uma pesquisa de dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia com concentração em Antropologia (PPGSA/UFRJ), concluída em fevereiro de 2024, sob o título “‘Xepa do Caju’: estratégias de vida, expectativas e promessas em torno da antiga

Usina de Reciclagem e Compostagem do Caju no Rio de Janeiro”¹⁴.

De acordo com a proposta de Geertz (1973) acerca da vocação essencial da antropologia interpretativa, destaca-se que o objetivo deste trabalho não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à disposição as respostas que outros deram e incluí-las no registro da teia de significados que os interlocutores constroem sobre a experiência.

O enfoque recaiu sobre a categoria “Xepa do Caju”, revelando aspectos dessa experiência situada. A investigação sobre a xepa proporcionou a revelação de nuances, singularidades e a construção de significados a partir das formas populares de trabalho de pessoas que ganham a vida por meio da reciclagem. O bairro do Caju apresenta dinâmicas próprias sobre como a vida é tecida e reproduzida no âmbito da cadeia da reciclagem, as quais este relato, por meio de notas etnográficas, busca explicitar perspectivas e noções.

Seguindo o referencial apontado por Velho (1978), que sugere a existência de aspectos de uma cultura e uma sociedade que não são evidentes e que exigem um esforço maior, de observação e empatia, o estudo da “Xepa do Caju” realça-se pelo caráter essencialmente antropológico deste investimento em um objeto sinuoso que articula circuitos, trocas, mercados e sociabilidades no bairro e seus arredores.

Além disso, o trabalho apresenta uma contribuição metodológica, de acordo com a abordagem de Peirano (2008) sobre a etnografia, indicando-a não apenas como um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, isto é, a própria teoria em ação. Tal abordagem é ilustrada pela categoria perseguida etnograficamente pelo trabalho de campo, que constitui o objeto deste estudo.

Recebido em 08 de janeiro de 2024.

Aprovado para publicação em 02 de maio de 2024.

Referências bibliográficas

AMORAS, Barbara da Costa. **“Aqui não é lixão, é reciclagem”**: um estudo de antropologia das políticas públicas sobre o caso da coleta seletiva na costa verde, 2022. Monografia (Graduação) – Departamento de Geografia e Políticas Públicas, Universidade Federal Fluminense, Angra dos Reis, 2022.

AMORAS, Barbara da Costa. **“Xepa do Caju”**: estratégias de vida, expectativas e promessas em torno da usina de reciclagem e compostagem do Caju no Rio de Janeiro. Dis-

¹⁴ A dissertação foi orientada pelos professores Fernando Rabossi (PPGSA/UFRJ) e Maria Raquel Passos Lima (PPCIS/UERJ).

sertação (Mestrado em Sociologia – com concentração em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

CAVALCANTI, Mariana. **Ainda construção e já ruína**: Para uma antropologia dos urbanismos globais. Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc. – Rio de Janeiro – Vol. 16 – no 3 – 2023 – e 61355.

DAS, Veena. **Critical Events**: an anthropological perspective on contemporary Índia. New Delhi: Oxford University Press, 1995.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

FOOTE-WHYTE, William. “**Treinando a observação participante**”. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves editora, 1990. pp. 77-86.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Zahar, Rio de Janeiro, 1973.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 1981.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 237-265.

LARKIN, Brian. Políticas e poéticas da infraestrutura. **Revista Antropológicas**, v. 31, n. 2, 2020.

LIMA, Maria Raquel Passos. Anthropology of waste: a research agenda for the study of cities in the era of climate change. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 20, p. e20912, 2023.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Estratégias de vida e jornada de trabalho. In CAVALCANTI, M.; MORRA, E; ARAÚJO, M, **O mundo popular**: Trabalho e condições de vida. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens. Pp. 61-73. [1984] 2018.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e função da troca na sociedade arcaica. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac&Naify, 183-314. 2003. [1923-1924].

MOTTA, Eugênia. Casas e economia na favela. **Vibrante: Antropologia Virtual Brasileira**, v. 11, p. 118-158, 2014.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe. **Revista do núcleo de an-**

tropologia urbana da USP, n. 2, 2008.

VALADARES, Lícia. “Os dez mandamentos da observação participante” (Resenha de FOOTE-WHITE, William. Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.22, n.63:153-155, 2007.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In E. O. NUNES (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 36-46.